



ATIVIDADES DE INCLUSÃO PARA DEFICIENTES INTELECTUAIS NAS AULAS DE CIÊNCIAS

Simone Silveira da Silva¹

Orientadora: Débora Laurino²

Coorientadora: Andréa Juliano³

RESUMO: A deficiência intelectual é um problema que merece nosso olhar atento e cuidadoso sobre o qual refletirão nossas ações educativas. Dessa maneira, nosso objetivo é apresentar algumas atividades lúdicas que realizamos na escola de Educação Básica Dr. Getúlio Vargas, em Cachoeira do Sul, com estudantes com deficiência intelectual a partir das experiências de uma das autoras em seu estágio, no Curso de Licenciatura em Ciências, e na monitoria que envolve o apoio a esses estudantes. Desenvolvemos na presente Pesquisa um estudo de cunho reflexivo-prático sobre deficiência intelectual por acreditarmos na necessidade de nos responsabilizarmos pelo ensinar e pelo aprender em condições de igualdade para todos. Com base nas observações e nas experiências vivenciadas compreendemos que é possível trabalharmos na sala de aula de maneira lúdica e interativa. Para entendermos um pouco mais sobre essa questão, consideramos a noção proposta por Santos (2001) para quem a atividade lúdica é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual, pois através dela ele tem a possibilidade de desenvolver a coordenação motora, a sua atenção e ainda de interagir com os colegas de classe. Destacamos algumas atividades lúdicas que consideramos pertinentes ao processo de inclusão e que envolvem a construção de saberes referentes à disciplina de Ciências.

Palavras-chave: Inclusão. Deficiência Intelectual. Ciências

CONTEXTUALIZANDO

Neste Trabalho⁴ tratamos sobre a questão da inclusão de alunos com deficiência intelectual. Para isso, inicialmente, realizamos uma reflexão sobre esse tema e, posteriormente, apresentamos algumas atividades adaptadas – que foram utilizadas com esses alunos no estágio vivenciado por uma das autoras deste artigo, em aulas de Ciências, no Ensino Fundamental, em classes nas quais a mesma atua como monitora.

Conforme sabemos, a inclusão não é um processo fácil, pois as atividades adaptadas para alunos deficientes intelectuais é um problema frequente nas escolas,

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Ciências. Universidade Federal do Rio Grande - FURG. simone_silveira03@hotmail.com

² Professora da Universidade do Rio Grande – FURG – Mestre em Ciências da Computação e Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. deboralaurino@vetorial.net

³ Professora Mestre em Letras Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas e em Análise do Discurso. Doutoranda na Universidade do Rio Grande – FURG – Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências. andreanjuliano@gmail.com

⁴ Apresentamos o substantivo Trabalho, Artigo, Pesquisa, Estudo com letra maiúscula por considerarmos ser próprio, com marcas específicas.

além de outros fatores como a falta de conhecimento dos envolvidos sobre em como lidar com a inclusão, os precários recursos de que a escola, de fato, dispõe e o preconceito em relação às pessoas com deficiência.

A inclusão de alunos com deficiência intelectual nas aulas de Ciências foi o tema escolhido por uma de nós, autora do presente Estudo, a partir das observações realizadas para a disciplina de estágio em Ciências, no Curso de Licenciatura em Ciências, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Nesse primeiro momento de observação de sala de aula, percebemos que os alunos com deficiência intelectual não se sentiam incluídos nas aulas, não participavam das atividades e permaneciam parados, inertes por todo o período de aula. Em algumas vezes, um dos alunos se mostrava agitado e, então, atrapalhava o desenvolvimento da aula.

Isso nos permitiu apresentar algumas atividades lúdicas realizadas na E.M.E. F Dr. Getúlio Vargas, em Cachoeira do Sul, com estudantes com deficiência intelectual a partir das experiências de uma das autoras em seu estágio, no Curso de Licenciatura em Ciências, e a monitoria que envolve o apoio a esses estudantes.

Alguns conteúdos relacionados à disciplina de Ciências incluem vários nomes difíceis de memorizar e, muitas vezes, termos mais complexos tornam as aulas um tanto fatigantes o que desmotiva os alunos ao processo do aprender. Assim, consideramos que as atividades lúdicas, como pintura, colagem, jogos e recortes, podem minimizar esse desconforto e não só os alunos com deficiência são beneficiados, mas todos os estudantes da classe, o que pode auxiliar no aprendizado e proporcionar a interação entre alunos e professores nas aulas de Ciências.

O ensino de Ciências, em sua maioria, segue o modelo tradicional de ensino que valoriza a reprodução e não leva o aluno a pensar do seu jeito e ao seu tempo. Isso desmotiva o aluno e, como consequência, desencadeia desinteresse e passividade. Sabemos que só compreendemos o que a nós faz sentido. Para Krasilchik (2008), as aulas tradicionais, muitas vezes, estão fora da realidade dos alunos o que gera uma incompreensão dos conteúdos, pois os alunos não conseguem fazer a relação do que trazem do seu cotidiano com o conteúdo.

Segundo Mafra (2009), a aprendizagem de alunos com deficiência intelectual é mais lenta e o mesmo apresenta dificuldade em compreender conceitos abstratos. Para tanto, é necessária a utilização de estratégias como a utilização de material concreto, como jogos e brincadeiras que ajudam os alunos com deficiência intelectual a desenvolverem seu cognitivo.

Com o nosso Estudo não procuramos o inédito, porém apresentamos algumas atividades lúdicas possíveis de serem confeccionadas e apreciadas pelos alunos com deficiência intelectual e, através das mesmas, construímos junto a eles não só conceitos, mas, também, interação e cooperação na e para a construção de saberes que façam sentido. Com tais atividades, desejamos contribuir para o desenvolvimento sócio-cognitivo-cultural-ético dos nossos alunos portadores ou não dessa deficiência, ou seja, desejamos possibilitar condições para o desenvolvimento do aluno em diferentes dimensões.

Nesse sentido, a seguir, trazemos algumas compreensões sobre inclusão, descrevemos as atividades que planejamos e que realizamos com os alunos com deficiência intelectual e, após, tecemos algumas considerações sobre a inclusão de estudantes com deficiência intelectual no ensino regular.

Como embasamento teórico para o presente Trabalho, trazemos para a conversa Maria Teresa Eglér Mantoan, professora doutora em Educação, que pesquisa na área de inclusão escolar, além de outros autores como Adriana Lima Verde e Simone Manieri Paulon.

2 - SOBRE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Destacamos que, para Mendonça (2010), deficiência é o termo usado para definir que uma pessoa tem ausência ou disfunção em uma das estruturas físicas ou psíquicas.

No entanto, crianças que não têm o mesmo desenvolvimento que a maioria, devido lesões ocorridas no cérebro que afetam o seu cognitivo, são consideradas deficientes.

Silva, Ribeiro e Mieto (2010) se manifestam sobre essa denominação ao afirmarem que esses sujeitos considerados deficientes recebem esse crivo social, no momento em que se realiza o diagnóstico. A partir daí, as suas interações com o mundo são constituídas com base no dado da deficiência como lugar de anormalidade. Com isso, a pessoa vai tomando para si a condição de anormal, que o termo deficiente lhe causa, tornando-se incapaz de desenvolver suas potencialidades.

No sentido de ‘acabar’ com essa visão destorcida de deficiência, os ‘doutrinadores pedagógicos’ passaram a usar o termo, “pessoas com necessidades especiais”, tornando o tema deficiência, associado à forma como o indivíduo compreende o mundo e não a uma impossibilidade.

Segundo, Romeu Kazumi Sassaki, (2003, apud, Mendonça, 2001 p. 15) as pessoas com deficiência, durante movimentos em busca de seus direitos em todo o mundo, incluindo no Brasil, têm se manifestado sobre como querem ser chamados e optaram pelo termo: “pessoas com deficiência”, justificando que esse termo valoriza as diferenças e as necessidades que a deficiência lhes causa.

Sendo assim, em 2004, a Organização Mundial da Saúde e a Organização Pan-Americana da Saúde, aprovou o termo: “Pessoas com Deficiência” o qual passou a ser usado, também, em outros idiomas como inglês, espanhol e francês.

O Documento Subsidiário a Política Nacional de Inclusão: “[...] Deficiência Intelectual é a incapacidade caracterizada por limitações significativas, tanto no funcionamento intelectual quanto no comportamento adaptativo expresso em habilidades conceituais, sócias e práticas” (PAULON, 2007, p. 13).

Para Ampudia (2017), no dia a dia o deficiente intelectual, dentro da sala de aula, pode apresentar dificuldade em compreender regras simples, apresentar problemas de relacionamento com os colegas, dificuldade de expressão e compreensão da realidade da sala de aula. Devemos trabalhar com linguagem acessível, sempre com explicações curtas que possibilitem a compreensão por parte do sujeito.

De acordo com Oliveira (2008), a condição de deficiência intelectual não pode nunca predeterminar qual será a capacidade de aprendizagem do indivíduo, precisamos atender às suas especificidades sem desviar dos princípios básicos da educação proposta aos demais estudantes. Ou seja, como professores, devemos buscar formas de auxiliar a compreensão do estudante, sem minimizar ou evitar o desenvolvimento de algum conteúdo que esteja sendo trabalhado com os demais alunos da classe. O aluno com deficiência intelectual tem o tempo de aprendizagem diferente dos demais alunos.

O Decreto nº 3.298 de 20 de Dezembro de 1999, que regulamenta a Lei nº 7.853 de Outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional de Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, define Deficiência Intelectual como funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como: comunicação, cuidado pessoal, habilidades sociais, utilização da comunidade, saúde, segurança, habilidades acadêmicas, lazer e trabalho.

Trabalhar com alunos com deficiência intelectual é um grande desafio, pois exige muita dedicação e persistência por parte dos educadores. Precisamos conhecer nosso aluno, entender as dificuldades e as limitações que a deficiência lhe causa, sobretudo

para superar os desafios. Ouvir nossos alunos a partir de diferentes compreensões e interações possibilita a troca e o afeto de estarmos com e para o outro.

3 – EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

Na busca de entendermos sobre a inclusão, não podemos deixar de referenciar a Declaração de Salamanca, documento firmado pela Organização das Nações Unidas (ONU, 1994), que se tornou o principal norteador da inclusão escolar.

Esse documento foi constituído em assembleia na Conferência Mundial de Educação Especial, entre 7 a 10 de junho de 1994, em que os países participantes, dentre eles, o Brasil, se comprometeram em garantir uma Educação para todos viabilizando, com urgência, políticas de inclusão para crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais, dentro do sistema regular de ensino.

Sabemos que Educação é um direito de todos, incluindo alunos com deficiências, e que compete, então, aos governantes darem suporte necessário para que isso aconteça. A Constituição Federal de 1988, art. 205, afirma que: “a Educação, direito de todos e dever do estado, da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Segundo o art. 206, da Constituição Federal de 1988, o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios que salientamos:

II - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

Art. 208. O dever do estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

III – atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino.

Ainda podemos citar o Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009, artigo 24, a convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência, do qual o Brasil faz parte, que garante que a criança com deficiência tenha um ensino de qualidade e igualdade perante aos demais alunos.

Desejamos, como professoras, afirmar que essas leis, na maioria das situações, não se fazem valer em um País de desigualdades. Dessa forma, não podemos deixar de observar que vivemos, infelizmente, em um Brasil que tem como marca políticas públicas

que não são assumidas, em grande parte, pelo próprio governo que as legitima apenas no plano teórico.

A Educação escolar é essencial para o desenvolvimento da criança, do jovem, pois compreende a base para a formação do sujeito como um todo. É realidade que através de uma Educação comprometida teremos oportunidades pessoais e profissionais diferenciadas ao longo da vida, na condição de exercício pleno de ser cidadão. Para Mantoan (2006), o momento é de transformar a escola em um espaço único, para deficientes ou não.

As condições de que dispomos, hoje, para transformar a escola nos autorizam a propor uma escola única e para todos, em que a cooperação substituirá a competição, pois o que se pretende é que as diferenças se articulem e se componham e que os talentos de cada um sobressaiam (MANTOAN, 2006, p.198).

Consideramos que são pertinentes a cooperação, a troca e a interação entre as diferenças para a construção dos saberes que nos forma, nos transforma e nos torna pessoas melhores. Entendemos por interação no ensinar e no aprender que estamos com o outro e para o outro e vice-versa. Referenciamos Maturana (2014) para o qual a interação não é resultado de algo, mas o processo mesmo – causa e consequência – ao mesmo tempo, da novidade e da mudança. Então, o ensino e o afeto estão intrinsecamente associados. Esse estudioso compreende que, como seres humanos, somos o que somos no conversar, mas na reflexão podemos mudar nosso conversar e nosso ser. Essa é nossa liberdade a qual pertence ao nosso ser psíquico e espiritual. O estar “com o outro” e “para o outro” se efetiva no transcorrer das nossas conversas.

A educação inclusiva é um tema discutido em seminários e formação continuada de professores, visto que, a cada ano que passa mais alunos com deficiência intelectual chegam às escolas de ensino regular. Porém, a formação inicial e continuada dos professores ainda contempla um planejamento que considera a compreensão dos estudantes como semelhantes em compreensões e comportamento (MRECH, 2001).

Parece-nos que não está em nossa ação e entendimento lidar com a inclusão, com a diferença de ser do estudante, o que inclui considerar suas emoções, suas expectativas, suas reações e compreensões. Ainda não está no âmago da profissão docente que, na atualidade, faz parte de nossa profissão lidar com a diferença que inclui algumas patologias. E isso requer formação e estudo.

Mantoan (2003) aponta para a necessidade de mudança nas atitudes e comportamentos que excluem os alunos com deficiência nas escolas. Afirma que é fácil

receber os “alunos que aprendem apesar da escola” e é mais fácil ainda encaminhar, para as classes e escolas especiais, os que têm dificuldades de aprendizagem e, sendo ou não deficientes, para os programas de reforço e aceleração. É urgente assumirmos responsabilidades e compromissos diante da complexidade do ensinar e do aprender.

Percebemos que a maioria dos professores não têm formação ou apoio para lidar com a diferença intelectual dos estudantes e, por isso, transfere a responsabilidade de adaptação e de planejamento de atividades específicas para a responsabilidade dos profissionais especializados.

Diante dessa realidade nos perguntamos o que podemos fazer para alterar essa situação? Por que tenho que pensar na particularidade de cada sujeito? Por que os profissionais envolvidos com esses alunos se julgam incapazes de trabalhar com tais deficiências? Que espaço de discussão, de conversa sobre as aflições dos professores em relação à inclusão está sendo acolhida na escola?⁵

Frente a tantos questionamentos em como trabalhar a inclusão dentro da sala de aula, acreditamos que a primeira ação que devemos ter na posição de professor é acreditar no potencial de nossos alunos. Sabemos que o trabalho não é fácil, que os desafios encontrados são muitos, mas o retorno é gratificante e satisfatória para o professor, aluno e familiares.

Segundo Mantoan (2008), o professor que aprende junto com seus alunos, consegue melhores resultados. Certamente, um professor que engendra e participa da caminhada do saber “com” seus alunos consegue entender melhor as dificuldades e as possibilidades de cada um e provocar a construção do conhecimento com maior adequação.

Recentemente, em uma formação de monitores e professores da educação inclusiva, na rede municipal de Educação (APAE, Cachoeira do Sul/RS, 22 de set. 2017), tivemos a oportunidade de ouvir o relato de profissionais envolvidos no processo de inclusão, suas aflições, expectativas e experiências. Nesse momento, debatemos, discutimos, refletimos sobre essas questões e reforçamos a importância das ações do professor para a transformação, para a evolução das escolas no contexto em que vivemos.

Com isso, chegamos à conclusão de que é preciso recriar nossa maneira de “dar aula”, saber que cada aluno é diferente, não só os deficientes, mas todos de forma geral

⁵ Essas são apenas perguntas retóricas, ou seja, têm por função estimular a reflexão por parte do leitor. Elas não têm por objetivo obter uma resposta.

apresentam algumas dificuldades ou particularidades. É preciso olhar o nosso aluno como sujeito único e, assim, ser flexível na nossa maneira de ensinar. Planejar é o primeiro passo para uma aula proveitosa, mas saber mudar esse planejamento, ao longo do período, é muito importante para dinamizar e para flexibilizar o processo do ensinar e do aprender que efetivamos na e pela experiência.

Quando trabalhamos com alunos deficientes devemos considerar, mais ainda, que nem sempre vamos desenvolver o planejamento na íntegra que havíamos preparado, porque imprevistos acontecem. Devemos, diante disso, construir o planejamento de aula a partir do reconhecimento das diferenças de nossos alunos para que possamos contemplar as especificidades dos estudantes com deficiência intelectual. Parece-nos interessante utilizarmos diferentes formas de adaptação a fim de facilitar a realização das atividades no processo do ensinar e do aprender.

Um bom planejamento, segundo Costa (2010), precisa levar em conta a realidade escolar, como são os professores e os alunos da escola, considerando os problemas sociais e as necessidades da comunidade escolar, isto inclui, as diversidades existentes dentro da sala de aula. A questão de diversidade vai além das questões culturais e de vivência, já que envolve os diferentes graus de conhecimento entre alunos sobre determinados conteúdos.

Precisamos compreender o processo de aprender dos alunos com deficiência intelectual, valorizar o que ele aprende e apreende pela interação no momento, e estarmos atentos a sua capacidade de criar e de re-significar a partir da sua história de vida.

Para Mantoan (2003), é preciso recriar o modelo educativo, criando um ensino de qualidade e isso requer um trabalho pedagógico diferente do tradicional.

Superar o sistema tradicional de ensinar é um propósito que temos de efetivar com toda a urgência. Essa superação refere-se ao “que” ensinamos aos nossos alunos e ao “como” ensinamos, para que eles cresçam e se desenvolvam, sendo seres éticos, justos, pessoas que terão de reverter uma situação que não conseguimos resolver inteiramente: mudar o mundo e torná-lo mais humano. Recriar esse modelo tem a ver com o que entendemos como qualidade de ensino (MANTOAN, 2003, p. 34).

Essa nova maneira de ensinar, em que colocamos a educação especial dentro da escola regular, transforma a escola em um espaço de todos. Em algum momento da docência, teremos alunos com necessidades especiais. Consideramos que existem

necessidades que influenciam diretamente no processo do aprender as quais exigem uma forma de ensinar diferenciada com a utilização de recursos e com o apoio especializado para esses alunos.

Sendo assim, parece que nós, professores, primeiramente, devemos conhecer nosso aluno e saber quais suas possibilidades, seus desejos, suas dificuldades para desenvolver ações direcionadas que o auxiliem em suas aprendizagens. Para tanto, o trabalho em conjunto torna-se essencial com a professora responsável pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE) que, dentro do ambiente escolar, é o profissional habilitado para dar suporte ao professor nesse momento de reformulação dos saberes (VERDE, 2010).

A função do professor de AEE consiste em propor atividades que permitam eliminar barreiras na aprendizagem e otimizar a aprendizagem dos alunos e sua inclusão no ensino regular. Essa ação, certamente, terá uma repercussão positiva no desempenho do aluno na sala de aula comum (VERDE, 2010, p.34).

Destacamos que o trabalho cooperativo e planejado entre os profissionais da escola poderá melhor auxiliar aos alunos. Por isso, o planejamento adaptado para a inclusão, com estratégias diferentes e ações pensadas para o desenvolvimento intelectual do aluno, ao usar como de estratégias palavras-chave, colagens e recortes podem levar o aluno a fazer relação do real com o teórico e contribuir para o processo do ensinar e do aprender que se faz ao tempo e a compreensão de cada um.

Então, a confecção de jogos pedagógicos e o uso materiais lúdicos são alternativas práticas para a construção de saberes em sala de aula que, além de promover o processo do ensinar e do aprender, proporciona o movimento da interação entre todos os colegas.

De acordo com Santos (2001), a atividade lúdica é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual, através das atividades lúdicas eles têm a possibilidade de desenvolver a coordenação motora, a sua atenção e ainda a interação com os colegas de classe.

A ludicidade como ciências se fundamenta sobre os pilares de quatro eixos de diferentes naturezas, isto é, sociológica, psicológica, pedagógica, epistemológica, sociológica, porque engloba demanda social e cultural e psicológica, porque se relaciona com os processos de desenvolvimento e de aprendizagem do ser humano em qualquer idade em que se encontre. Pedagógica, porque se deve tanto da função teórica existente, como das experiências educativas

provenientes da prática docente. Epistemológica, porque tem fonte de conhecimento científico que sustentam o jogo como fatos de desenvolvimento (SANTOS, 2001, p. 42).

Portanto, o lúdico tem papel ímpar no processo do ensinar e do aprender, não só em relação aos alunos inclusos, mas a todos os alunos da classe. Porém, é preciso que os profissionais envolvidos estejam preparados com formação adequada, que conheçam os jogos e atividades que desenvolverão para que possam mediar e suscitar questionamentos, além de saber lidar com possíveis imprevistos.

Destacamos, novamente, Mafra (2008), por acreditarmos que para os alunos com deficiência intelectual, as atividades lúdicas são ainda mais significativas, porque estimulam, no espaço escolar, a criatividade, a participação e a construção do conhecimento.

4 – COMO NOS MOVIMENTAMOS

No início do Projeto começamos a analisar a maneira como os alunos com deficiência intelectual interagem com professores e com colegas de sala. Percebemos um sentimento de exclusão desses alunos em relação às atividades propostas, a falta de atividades adaptadas que contemplasse o conteúdo que estava sendo trabalhado, de maneira que o aluno, diante das suas possibilidades, pudesse ser inserido naquele momento no contexto da sala de aula. Observamos que para um aluno com deficiência intelectual, que ainda não sabe ler, não é coerente lhe apresentar o livro didático com textos enormes que não lhe dizem nada, ou seja, não fazem sentido algum; é preciso uma adaptação, com frases curtas e imagens em que o aluno terá a possibilidade de assimilar o que o professor explica.

A partir de uma conversa com a professora de Ciências e com a professora do AEE, percebemos a importância de adaptar materiais que pudessem ajudar esses alunos na compreensão dos saberes de Ciências. Com o olhar sobre essa disciplina, encontramos várias possibilidades de reorganização dos saberes para adaptação aos estudantes com deficiência intelectual. Assim, foi possível avaliarmos quais eram as dificuldades e, também, o potencial de cada aluno. Além disso, observamos quais as dificuldades que a professora encontrava no planejamento das aulas para os deficientes intelectuais.

A partir de então, começamos a confeccionar e a organizar alguns materiais pedagógicos, como jogos e atividades adaptadas aos conteúdos de Ciências que foram trabalhados nas aulas, conforme apresentamos anteriormente, durante o estágio em Ciências, no Ensino Fundamental, da Escola Municipal Dr. Getúlio Vargas onde uma das autoras do Artigo trabalha desde 2012 como monitora de alunos com deficiência intelectual.

Ao aplicarmos as atividades adaptadas, ratificamos o que já pensávamos: que a inclusão é um processo desafiador, pois requer tempo do professor para a preparação do material, para criar, além de necessitar do auxílio de um profissional de apoio que, muitas vezes, as escolas não oferecem aos alunos. Chegamos a uma compreensão de que tudo transcorre somente a partir da responsabilidade do professor que deve criar condições para que o aluno se sinta integrado, legitimado e, ao mesmo tempo, o docente, deve estar atento em relação ao restante da turma.

Por outro lado, percebemos a mudança no aluno na participação e na interação com os demais e, ainda, observamos a satisfação do mesmo ao se sentir valorizado e capaz de realizar as atividades proporcionadas.

5 – ATIVIDADES LÚDICAS

Ensinar uma criança com deficiência intelectual que apresente atraso no seu desenvolvimento cognitivo e motor é um processo lento que exige muito estímulo e o uso de ferramentas que possam facilitar o processo de aprendizagem. Temos as atividades lúdicas como jogos e brincadeiras que são auxiliares para o desenvolvimento da criança com deficiência intelectual.

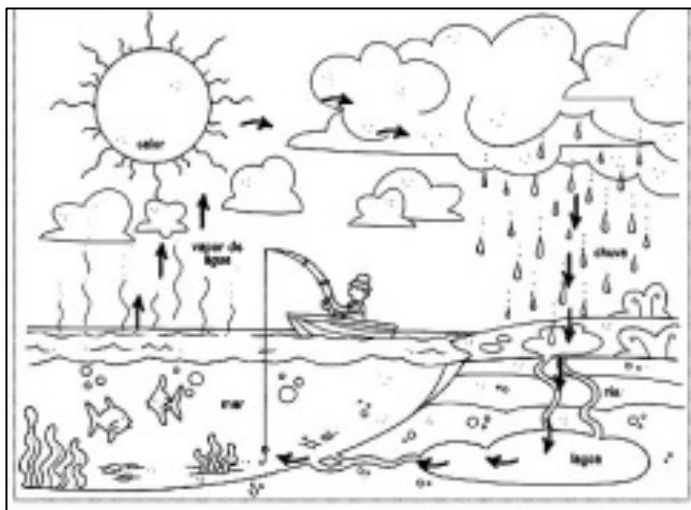
Ide (2008) afirma a importância do jogo para a criança com deficiência intelectual, porque o “jogo possibilita ao deficiente mental aprender de acordo com o seu ritmo e suas capacidades, além de propiciar a integração com o mundo por meio de relações e vivências”.

Sendo assim, os jogos e brincadeiras por mais simples que sejam ajudam no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança.

A primeira atividade que desenvolvemos, no 6º ano, foi sobre o ciclo da água e envolveu práticas lúdicas de colagem de pintura. Solicitamos que os alunos recortassem e colassem, no respectivo lugar, as palavras: VAPOR DE ÁGUA – CALOR – CHUVA –

MAR – RIO – LAGOA. Proporcionamos, com essa prática, uma relação entre linguagem verbal e não verbal.

Ciclo da água



Adaptação professora Roselia Prussiano (2017).

Nessa atividade, o aluno assistiu à aula sobre o ciclo da água e, após, com a ajuda do monitor, realizou a atividade que possibilitou ao estudante visualizar e interagir com o ciclo da água, ao permitir que ele escolhesse o lugar da colagem, conversasse com o monitor e, assim, construísse sua compreensão.

Na atividade 2, desenvolvida no 7º ano, o jogo da memória (animais vertebrados e invertebrados), que buscamos na internet, o aluno recortou e colou em folha 60k, construindo o jogo da memória. Logo em seguida, jogou com um colega de sala e identificou, através das imagens, os animais vertebrados e invertebrados. Com essa atividade, permitimos condições para que o estudante tivesse uma socialização com os demais colegas e se sentisse incluído, compreendesse a importância das regras, tanto no jogo como na relação com o outro, além de estabelecer relações associativas por semelhança, isto é, aproximar o que se parece pelo exercício da memória.

Jogo da Memória



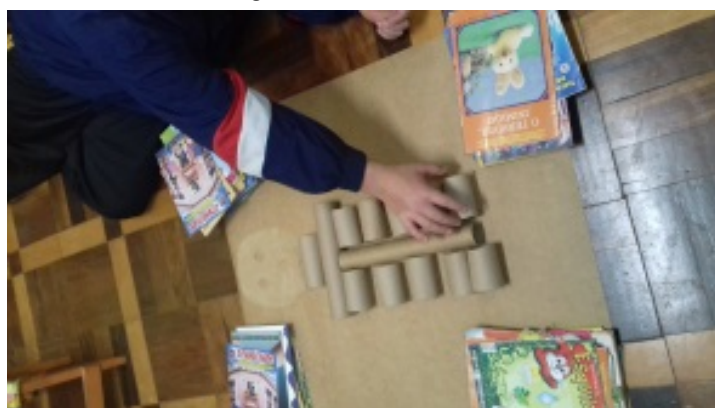
Fonte: Disponível em: <<http://www.smartkids.com.br/jogo/jogo-da-memoria-vertebrados-e-invertebrados>>.

Acesso em: 15.06.2017.

Na construção da maquete animais domésticos e selvagens, atividade 3, no 7º ano, o aluno recebeu alguns animais os quais deveria pintar, recortar e, então, montar um cenário com animais selvagens e com animais domésticos. Com essa prática, o aluno identificou alguns animais e soube dizer onde viviam. Além de desenvolver habilidades como pintar e recortar, o aluno demonstrou sentir-se capaz e satisfeito com o cenário que construiu.

Na atividade 4, proporcionamos a montagem do boneco articulado.

Montagem do boneco articulado



Fotografia de Simone Silveira da Silva (2017)

Boneco articulado montado



Fotografia de Simone Silveira da Silva (2017).

Essa atividade foi realizada com um aluno do 8º ano. No momento em que a professora iniciava o conteúdo do corpo humano na turma, foi mostrada para o aluno uma imagem de um boneco articulado que havia sido criado com cotonetes e, a partir dessa imagem, o aluno construiu, com ajuda da monitora, o boneco e usou como matéria prima rolinhos de papel higiênico para melhor manuseio. Além disso, trabalhamos a importância da reciclagem de materiais, uma vez que o próprio aluno coletou em casa os rolinhos que foram usados para a confecção do boneco. Percebemos que o aluno se sentiu bastante satisfeito e entusiasmado, pois apresentamos o boneco, por ele construído, para explicar aos demais colegas sobre a composição do corpo humano.

A partir da atividade 5, no 8º ano, possibilitamos ao aluno a modelagem das células eucariontes e procariontes com massa de modelar. Dessa maneira, ele construiu a representação celular.

Modelagem das células eucariontes e procariontes



Fotografia de Simone Silveira da Silva (2017).

Nessa atividade foi possível trabalharmos a coordenação motora do aluno e a sua percepção diante da imagem que lhe apresentamos. Podemos perceber que ele trabalhou com satisfação e dedicou-se com afinco na realização dessa prática na tentativa de fazer o mais perfeito possível, o que demonstrou interesse e prazer por parte do mesmo.

Com a atividade 6, objetivamos trabalhar sobre a utilidade da água.

Para que serve a água?

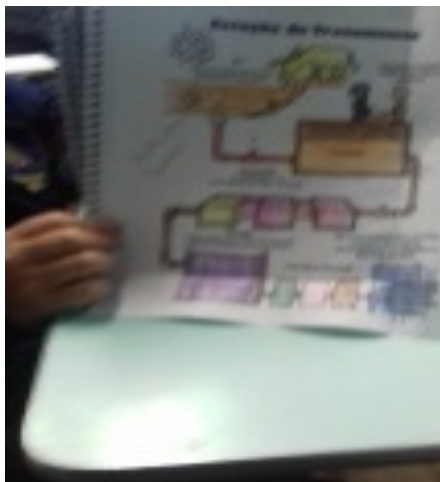


Fotografia de Simone Silveira da Silva (2017).

Com essa atividade que desenvolvemos, no 6º ano, o aluno coloriu as imagens e numerou, com ajuda de um colega, as atividades do dia a dia com o uso da água. O trabalho em conjunto com o colega foi interessante para a socialização do aluno que se sentiu feliz com a ajuda, com o momento de interação. Ainda com essa atividade, trabalhamos a importância de economizar água para preservação dos recursos naturais do Planeta.

E, na atividade 7, no 6º ano, estudamos sobre o funcionamento da estação de tratamento de água.

Estação de tratamento de água



Fotografia de Simone Silveira da Silva (2017).

Para isso, apresentamos para o aluno uma imagem impressa em folha A4, representativa de como funciona o tratamento da água, de forma bastante simples, clara e objetiva. O aluno observou a imagem impressa e pintou da maneira que achou conveniente, da maneira como sentiu e como compreendeu. Com essa atividade, procuramos desenvolver no aluno a coordenação motora. Gostaríamos de salientar que o aluno demonstrou ser capaz de realizar a tarefa sem ajuda de colegas ou da monitora. Isso nos parece relevante para a construção da autonomia e da confiança tão necessários no movimento do ensinar e do aprender.

Para desenvolvermos as atividades propostas, percebemos que muitos desafios precisaram ser superados; o primeiro foi conquistar o aluno incluso e fazer com que ele se sentisse feliz e pertencente ao espaço de convivência da sala de aula para, então, se tornar protagonista da sua própria aprendizagem.

Diante desse contexto, destacamos a dedicação e a persistência de todos os envolvidos no processo na realização das tarefas, ao incentivar, auxiliar e motivar a realização das atividades. Resgatamos Mantoan (2008) para quem o professor que aprende junto com seus alunos, consegue melhores resultados. Certamente, um professor que engendra e participa da caminhada do saber “com” seus alunos consegue entender melhor as dificuldades e as possibilidades de cada um e provocar a construção do conhecimento com maior adequação.

Observamos que o conversar entre a professora de Ciências e a professora da sala de AEE, juntamente, com o monitor do aluno/estagiária, contribuiu para o desenvolvimento do aluno que se mostrou mais sociável ao interagir e ao reagir aos diferentes desafios propostos. Percebemos que a capacidade de resolver problemas e a

reação do aluno frente a sua coordenação motora apresentaram significativa melhora que observamos nas habilidades de colagem e nos jogos.

Por experiência, podemos dizer que a satisfação de contribuir para o crescimento do aluno com deficiência intelectual supera alguma das frustrações com as quais nos deparamos quando não somos compreendidos pelo aluno, quando ele não realiza as atividades propostas ou, até mesmo, quando devido a sua deficiência ele se torna agressivo, podendo não considerar o material que preparamos.

Essas são situações que podem ocorrer, mas quando conseguimos que o estudante com deficiência intelectual melhore sua socialização, seu desenvolvimento, sua consciência em relação às potencialidades e aos limites nos sentimos satisfeitos e apoiamos suas aprendizagens, legitimamos suas compreensões.

6 - CONSIDERAÇÕES

Buscamos, a partir dos questionamentos apresentados, anteriormente, compreender que a escola, professor e comunidade escolar, família e colegas devem proporcionar ao aluno com deficiência intelectual um ambiente acolhedor que possa favorecer ao processo do ensinar e do aprender. Isso implica mudança do contexto escolar, da metodologia do professor da classe regular que deve agregar esforços com o professor da sala de recursos a fim de possibilitar condições para a construção dos saberes.

Ao começarmos a confecção do material lúdico, percebemos, fortemente, que o processo de inclusão é um desafio para os educadores e que a preparação do material requer tempo por parte do professor quem, muitas vezes, precisa desenvolver diferentes planos de aula para uma mesma turma. Compreendemos que o planejamento é flexível nos parece, sobremaneira, pertinente no processo complexo do ensinar e do aprender para deficientes intelectuais.

Precisamos de tempo, de interesse e de preparação para trabalhar com esses alunos especiais. A escola deve, diante disso, passar a assumir seu papel e dar a atenção que tais alunos precisam ter. Salientamos que a aceitação da comunidade escolar, dos professores e dos alunos pelo diferente é necessária para uma convivência que inclua e que responsabilize a todos pelos direitos, pelas escolhas e pelos deveres.

Consideramos que o aluno com deficiência intelectual necessita de um acompanhamento diferenciado, com auxílio de monitor e com utilização de material adaptado, que oportunize ações específicas que o levem a desenvolver habilidades ainda não potencializadas. Acreditamos que quando o professor respeita as diferenças e consegue adaptar sua rotina proporciona um ensino personalizado que faz da escola, realmente, uma instituição que promove a inclusão.

A conversa entre o professor de Ciências, a monitora e a professora da sala de recursos demonstra-nos que são pequenas ações no grupo de professores que fazem a diferença no contexto da escola. E isso nos motiva a criar possibilidades para a construção de saberes e para a participação efetiva desses alunos com deficiência intelectual os quais estão à margem do sistema.

Percebemos que não há necessidade de grandes valores financeiros para custear a implantação da inclusão nas escolas, basta uma tomada de atitude por parte dos docentes. Muitos jogos e atividades podem ser confeccionados dentro da própria instituição escolar, com matérias simples como um rolo de papel higiênico na confecção do corpo humano, por exemplo, bem como outras práticas simples que fazem a diferença ao educando incluso.

No momento em que a escola, a comunidade escolar e professores assumirmos uma postura inclusiva não existirão diferenças entre alunos inclusos e regulares e todos estarmos em um único processo que será construído no sentido de respeitar as diferenças, de superar desafios e de tornar a inclusão uma realidade possível.

Podemos dizer ainda que o maior ganho do aluno com deficiência intelectual, a partir do momento em que começou a realizar as atividades lúdicas propostas, foi o entusiasmo e o prazer com que participou e com que interagiu com os colegas, discentes regulares; possibilitamos, assim, condições para a sua sociabilidade e para a realização de diferentes atividades lúdicas. Retomamos, aqui, Santos (2001) para quem a atividade lúdica é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual, através das atividades lúdicas eles têm a possibilidade de desenvolver a coordenação motora, a sua atenção e ainda a interação com os colegas de classe.

Procuramos pensar, neste Artigo, sobre a utilização dos jogos na construção do processo do ensinar e do aprender diferentes saberes na disciplina de Ciências para alunos com deficiência intelectual. Apresentamos, para isso, algumas atividades as quais realizamos e, então, ratificamos que essas práticas interativas possibilitam inclusão e participação coletiva que se efetivam pela interação e pela aceitação do outro.

Nesse contexto, acreditamos que a ação cooperativa e responsável entre professores e profissionais capacitados possa ser uma alternativa viável para o trabalho inclusivo nas escolas do século XXI.

REFERÊNCIAS

AMPUDIA, Ricardo. **O que é Deficiência Intelectual?** Disponível em: <<http://novaescola.org.br/conteudo/271/o-que-e-deficiencia-intelectual>>. Acesso em: 28 out. 2017.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988. Disponível em: http://www.fumec.br/cerai/docs/constituicao_federal_de_1988.pdf>. Acesso em: 25 set. 2017.

COSTA, Renata. **Planejamento**: momento de repensar a escola. In: *Revista nova escola*. Jan de 2010.

DECRETO Nº 3.298. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/decreto_3298.pdf>. Acesso em: 25 set. 2017.

DECRETO Nº 6.949. Disponível em: <<https://inclusaoja.com.br/legislacao/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> acesso em 19.11.17

IDE, Sahda Marta. **O jogo e o fracasso escolar**. In: KISHIMOTO, Tesuko M. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2008.

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de biologia**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

MAFRA, Sonia Regina Corrêa. **O lúdico na prática educacional de alunos com deficiência intelectual**, 2009.

_____. **O lúdico e o desenvolvimento da criança deficiente intelectual**. [Paraná]: Secretária de Estado da Educação, 2008. Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2444-6.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2017.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Ensinando a turma toda: as diferenças na escola**. In: _____. **O desafio das diferenças nas escolas**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008. p. 59 – 68.

_____. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003.

_____. **O direito de ser, sendo diferente, na escola**. In: RODRIGUES, David. (Org.). **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006. p. 183 – 210.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

MENDONÇA, Regina Celia Avilha. **A aprendizagem do aluno com deficiência intelectual e a pratica pedagogia em questão**. Dissertação de Mestrado, 2011.

MRECH, Leny Magalhães. **O que é educação inclusiva**. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio de. **Adequações curriculares na área da deficiência intelectual: algumas reflexões**. In: OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio; GIROTO, Claudia Regina Moscas. **Inclusão Escolar: as contribuições da Educação Especial**. São Paulo: Editora Fundepe e Cultura Acadêmica, 2008, p. 129 – 154.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora WVA, 2004.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. (Org.) **A ludicidade como uma ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SILVA, D.N.H.; RIBEIRO, J.C.C.; MIETO, G. **O aluno com deficiência intelectual na sala de aula:** considerações da perspectiva histórico-cultural, desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – cap. 09, Brasília, 2010.

VERDE, Adriana Lima. **Atendimento Educacional Especializado:** do aluno com deficiência intelectual. São Paulo: Moderna, 2010.